

---

# REVISTA DE ARQUEOLOGIA

Volume 28 No. 2 2015

EDITORIAL

*“Quem controla o passado, controla o futuro. Quem controla o presente, controla o passado” (ORWELL, 2009).*

A Arqueologia surge como parte de um projeto capitalista de construção do passado para sustentar um determinado modelo de poder.

Passaram-se quase cem anos para que a arqueologia se indisciplinasse (HABER, 2011) e começasse assim a questionar criticamente as narrativas universalizantes sobre as quais se sustenta o sistema, mostrando que duas das características mais perversas do capitalismo se fazem presentes na prática disciplinária: primeiramente, o capitalismo tem a capacidade de absorver a crítica, de transformá-la, de esvaziá-la de seu sentido original e trazê-la de volta, desta vez com enunciados sem conteúdos ou até como mercadoria; e em segundo lugar, a perversão do capitalismo se dá na medida em que sua legitimidade se baseia na renúncia voluntária das pessoas em favor de um falso bem associado ao materialismo.

A arqueologia brasileira sente os efeitos de tais características. Nas últimas décadas, o país tem introduzido políticas de estudo de impacto ambiental que contemplam trabalho de arqueologia em obras de grande e médio porte. Esta circunstância produziu a mudança de uma arqueologia 100% acadêmica para uma arqueologia 99% comercial (ou de contrato, salvamento, preventiva etc.), contribuindo em grande medida para evitar que estas arqueologias críticas, que começavam a surgir no país, ficassem limitadas a uns poucos projetos.

Em termos práticos o que se viu foi o aumento exponencial de projetos de Arqueologia o que por sua vez resultou no surgimento de diversas empresas de Arqueologia Comercial e no surgimento de novos cursos de graduação e pós-graduação em Arqueologia por todo o País, que tinham como objetivo atender a demanda criada pelos projetos de licenciamento ambiental. Contrastando com este panorama, a Sociedade de Arqueologia Brasileira esvaziou-se. Se antes existia competência pelo prestígio de ser o presidente da SAB, agora é difícil achar um candidato. Faltam recursos financeiros, ainda que em tempo de bonança na arqueologia de contrato. Em outras palavras, uma arqueologia nacional rica, e uma SAB paupérrima.

Até a última crise, era difícil achar um arqueólogo desempregado. Mas qual era ou é o modelo de Arqueologia que em geral aparece nestes projetos de Arqueologia Comercial? É um modelo que segue à risca as ideologias de mercado, ou seja, maximização do capital em detrimento do tempo, da experiência e da produção de conhecimento. Neste modelo o trabalho arqueológico passa a ser uma técnica que segue os padrões de uma linha de produção fordista, o que por sua vez resulta em processos de produção de

conhecimento que são padronizados e acríticos. As diferentes vozes são caladas, o corpo do arqueólogo é objetivado e estruturas cada vez mais verticais se impõem ao trabalho. Como resultado temos a manutenção das estruturas hegemônicas de poder.

Discutir criticamente a arqueologia comercial, sem dúvida, é uma questão central para a Arqueologia nacional. Foi com esse objetivo que Cristóbal Gnecco e Adriana Schimdt Dias organizaram em Porto Alegre, nos dias 03 e 04 de Junho de 2013, um Inter-Congresso do World Archaeological Congress (WAC). Várias das contribuições deste evento foram reunidas neste volume, junto com algumas outras por convite dos referidos organizadores. Assim, este volume temático foi organizado pela Adriana Dias e pelo Cristóbal Gnecco que realizaram a seleção dos textos, suas revisões e traduções. No que se refere a tradução, é importante acentuar que se tratam de artigos já publicados em outras línguas (não todos, mas a maioria), os quais devido a importância que tinham para o contexto atual da arqueologia brasileira e sua divulgação entre os leitores da Revista, foi decidido, de forma excepcional, por suas traduções e publicações, já que normalmente, não publicamos artigos que não sejam inéditos.

Nessa fase de transição, a atual Equipe Editorial da revista de arqueologia da SAB somou esforços à gestão anterior, a fim de colocar *on line* essa importante contribuição, trazendo debates fundamentais para o pensamento crítico e reflexivo da atuação profissional no país, discutindo o tema da arqueologia comercial em diferentes contextos nacionais e internacionais.

#### Comissão Editorial 2014-2015

Cristiana Barreto  
Juliana Salles Machado  
Eduardo Góes Neves

#### Comissão Editorial 2016-2018

Andres Zarankin  
José Roberto Pellini  
Fernanda Codevilla Soares